



PROJETO GRUPO TEIA: TEATRO E LITERATURA NUM ESPAÇO DE LEITURAS E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

GRUPO TEIA PROJECT: THEATRE AND LITERATURE IN A SPACE FOR READINGS AND STORYTELLING

Adriano Moraes de Oliveira - Doutor em Educação (UFPEL), Mestre em Teatro (UDESC) e Bacharel em Artes Cênicas (UEL). Professor do Departamento de Artes do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Coordenador do Grupo Teia: Leitura e Contação de Histórias e do LaTEP – Laboratório de Teatro Experimental e de Pesquisa. E-mail: adriano.moraes@ufrn.br

Alexandre Augusto de Jesus Antas - Licenciando em Teatro (UFRN), Integrante do Grupo Teia: Leituras e Contação de Histórias e do LaTEP - Laboratório de Teatro Experimental e de Pesquisa. Bolsista PIBIC-UFRN. E-mail: alexandre.antas.701@ufrn.edu.br

Hanna Taisa da Silva Pereira Pereira - Licencianda em Teatro (UFRN), Integrante do Grupo Teia: Leituras e Contação de Histórias e do LaTEP - Laboratório de Teatro Experimental e de Pesquisa. Bolsista FAEX-UFRN. E-mail: hanna.pereira.073@ufrn.edu.br

Pedro Samuel Medeiros Guerra - Licenciando em Teatro (UFRN), Integrante do Grupo Teia: Leituras e Contação de Histórias e do LaTEP - Laboratório de Teatro Experimental e de Pesquisa. Bolsista PIBIC-UFRN. E-mail: pedro.guerra.018@ufrn.edu.br

RESUMO

O presente texto é um relato do primeiro ano de atividades do projeto de extensão Grupo Teia: Leituras e Contação de Histórias, desenvolvido pelo Departamento de Artes (DEART), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Realizado com estudantes da Licenciatura em Teatro da UFRN e com o objetivo de promover e incentivar práticas de leitura em estudantes da rede pública de ensino do RN, o projeto foi posto em prática de forma remota em seu primeiro ano de atividades como forma de produzir experiências de leitura e realizar estudos no sentido de compreender diferenças entre ações de formação de leitores e incentivo à prática de leitura.

Palavras-chave: teatro; literatura; prática de leitura; extensão universitária.

ABSTRACT

The present text is a report of the actions of the first year of activities of the extension project Grupo Teia: Readings and Storytelling, developed by the Department of Arts (DEART), from the Center of Human Sciences, Letters, and Arts (CCHLA) of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN). Created with students of the Licentiate in Theatre of UFRN with the objective of

evolving and encouraging reading practices in students from the public education network of RN. The project formulated activities remotely in its first year of actions as a way of promoting reading experiences and conducting studies in order to understand differences between formation of readers and encouragement of reading practice.

Keywords: theatre; literature; reading practice; university extension.

INTRODUÇÃO

O presente relato tem como objetivo evidenciar o primeiro ano de atividades do projeto de extensão Grupo Teia: Leituras e Contação de Histórias, desenvolvido no Departamento de Artes (DEART) do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Planejado para ocorrer em espaços de comunidades e escolas públicas do RN como uma forma de estimular a leitura e difundir conhecimentos da área do teatro, a proposta do Grupo Teia foi desenvolvida no início de 2020 e formalizada em 2021. Em função da pandemia de Covid-19, todas as ações realizadas ocorreram de forma remota e utilizando plataformas virtuais como *GoogleMeet*, *Instagram*, *Facebook* e *Blogger*.

A rotina de trabalho adotada pelo Grupo Teia durante o primeiro ano de atividades foi a seguinte: 1. Reunião semanal para estudos, planejamentos, avaliações e interações diversas entre as/os integrantes do grupo; 2. Realização de Leitura em Voz Alta de texto literário, em formato de *live*, quase que diariamente, no espaço de Instagram @grupoteia.deart.ufrn; 3. Registros de relatos de atividades do grupo, particularmente das atividades realizadas nos encontros semanais entre os integrantes, no blog <https://grupoteia-deart-ufrn.blogspot.com>. Além dessa rotina, o Grupo Teia realizou o evento I Encontro do Grupo Teia, com a participação de poetisas da cidade de Currais Novos, RN e que integram o Grupo Casarão de Poesia daquele município; e esteve presente em dois eventos promovidos pela UFRN: o evento TudoAmostra 2021. 2, evento do curso de Teatro da UFRN que reúne atividades desenvolvidas nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão em uma mostra artístico-científica; e o evento II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender, evento realizado pelo Centro de Educação da UFRN com o tema “(im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA UTILIZADA NO PROJETO

A ideia de promover uma ação de extensão com o intuito de estimular a leitura partiu de três premissas: a primeira delas é a de que “o verbo ler não suporta imperativo” (PENNAC, 1993, p. 13); a segunda é que “o poeta só é pensador na medida em que é poeta” (NEJAR, 2000, p. 107) e a terceira e talvez a mais relevante para o projeto no período da pandemia é que:

Uma pedra lançada em um pântano provoca ondas na superfície da água, envolvendo em seu movimento, com distâncias e efeitos diversos, os golfinhos, as taboas [(planta aquática)] e o barquinho de papel. Objetos que estavam ali por conta própria, na sua paz ou no seu sono, são como que chamados para a vida, obrigados a reagir, a se relacionar. Outros movimentos invisíveis propagam-se na profundidade, em todas as direções, enquanto a pedra se precipita agitando algas, assustando peixes, causando sempre novas alterações moleculares. Quando toca o fundo, revolve areia, encontra objetos ali esquecidos, desenterrando alguns e recobrando outros. Em um tempo brevíssimo, inúmeros eventos sucedem-se, sem que possamos registrá-los (RODARI, 1982, p. 14).

Esta última, por sua clareza, nos proporcionou aderir ao pensamento do professor Gianni Rodari, que desde os anos 1937, trabalhando com alfabetização de crianças na Itália, compreendeu que assim como “uma pedra lançada em um pântano”, “uma palavra (...) lançada à mente, produz ondas de superfície e de profundidade” (RODARI, 1982, p. 14).

A partir dessa escolha referencial, o projeto foi formatado para dosar um conjunto de atividades com limites espaço-temporais bem definidos (reuniões semanais, leituras predeterminadas etc) e outras realizadas em função dos interesses das/dos participantes, incluindo aí devaneios, abandonos de leituras, borboleteio etc.

O princípio teórico que justificou o projeto, desde a sua gestação até o presente momento, é o de que:

A prática de leitura é uma importante base para a interpretação do mundo. Isso ocorre porque o ato de ler amplia o conhecimento de quem lê, alterando perspectivas de ver as coisas e os acontecimentos do dia a dia. Habituar-se a ler livros, principalmente de literatura, é uma forma lúdica de adquirir conhecimento e tem como principal consequência uma sociedade mais humana e preocupada com o meio em que se vive (2021)¹.

Ao compreendermos a leitura como uma prática e não como uma necessidade, passamos a entender que o foco do projeto não é o de realizar atividades esporádicas que reforçam o imperativo “é preciso ler!”. Mais do que propagar a necessidade da leitura, passamos a exercitar a ação mesma de leitura de uma forma leve, sem atitudes totalitárias como a necessidade de compreensão total daquilo que se lê ou a necessidade de tornar evidente e de forma rápida o resultado da leitura: uma resenha, um comentário, uma análise etc.

Praticar a leitura na companhia de Daniel Pennac, Carlos Nejar e Gianni Rodari nos estimulou a traduzir em voz o resultado de uma leitura curiosa e determinada pelos direitos que são próprios de alguém que lê com autonomia. Nas palavras de Pennac, esses direitos são:

1. O direito de não ler.
2. O direito de pular páginas.
3. O direito de não terminar um livro.
4. O direito de reler.
5. O direito de ler qualquer coisa.
6. O direito ao “bovarismo” (doença textualmente transmissível).
7. O direito de ler em qualquer lugar.
8. O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
9. O direito de ler em voz alta.
10. O direito de calar (PENNAC, 1993, p. 139).

Embora instigantes, esses direitos não abarcam a totalidade daquilo que nós, do Teia, adotamos como objetivo do projeto: estimular a leitura enquanto uma prática diária em estudantes de escolas públicas e comunidades vinculadas ao projeto. Esse objetivo, atingido em parte por conta da situação de pandemia e toda a superinflação de experiências artísticas *on line*, foi cunhado com a lógica de um certo poder que tem a palavra quando proferida. Nas palavras de Zumthor, autor de “A letra e a voz” (1993), “a palavra criada pela voz cria o que ela diz (ZUMTHOR, 1993, p. 75).

E esse foi o elemento mais utilizado nos processos do Grupo Teia em seu primeiro ano de atividades: dar voz a textos. Ou, dito de outra forma, dar corpo ao texto. À compreensão de que

¹Trecho da Justificativa da Ação de Extensão Grupo Teia: Leituras e Contação de Histórias. In: https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/extensao/consulta_extensao.jsf

a formação de leitores(as) praticantes passa pela implicação corporal das pessoas envolvidas no ato de leitura, passamos a fazer um trabalho cotidiano de leitura em voz alta. Como o rito do personagem Thomas, do romance infanto-juvenil “O livro de todas as coisas”, de Guss Kuijer (2011) que encontrou na leitura em voz alta um modo de expor as suas inquietações perante as opressões de um mundo com muitos resquícios autoritários. E foi justamente por meio dessa referência literária que passamos a uma prática de leitura em que nos expúnhamos não como “leitores e leitoras”, mas pessoas que emprestam voz e dão corpo à escrita.

Preocupados com o estímulo para uma prática de implicação corpo-vocal com o texto literário, mais especificamente com a provocação de uma prática que é muito enunciada, mas pouco praticada – a leitura – fizemos um movimento de leitura em voz alta que objetivou, fundamentalmente, o exercício de um direito à leitura como uma apropriação de um bem simbólico. Para tanto, fizemos leituras diárias sem o exagero performático – muito necessário na maioria dos casos – mas que no caso do Teia, foi deixado de lado para expor um lado importante e presente nos primeiros voos na prática da leitura: a precariedade da leitura sem a técnica adequada. Não fizemos exposição arbitrária de textos, nem de pessoas. Decidimos experimentar leituras em voz alta como uma forma de fazer com que as pessoas que nos acompanhavam entendessem que a leitura não deve ser algo extra cotidiano, nem vestido de elementos espetaculares que, em alguns casos, contribuem para que uma obra esteja imbuída de uma aura fora do alcance de uma prática de leitura diária.

Como nos lembra Bourdieu (2004),

(...) a apropriação das obras de arte depende em sua intensidade, em suas modalidades e em sua própria existência, do domínio que o espectador possui dos instrumentos de apropriação disponíveis e, mais ainda, do código genérico e específico da obra, ou por assim dizer, dos esquemas de interpretação propriamente artísticos e diretamente adequados a cada obra particular sendo tais esquemas a condição de deciframento da obra (BOURDIEU, 2004, p. 304).

Se o objetivo era estimular a leitura, a lógica adotada foi a de fornecer esquemas de práticas de leitura acessíveis, com certa precariedade para, de certa forma, retirar a aura de que a leitura é um ato de difícil aquisição e indispensável à vida. O discurso teórico no qual nossas práticas foram embebidas foi pautado na compreensão de que a leitura pode ser uma boa forma de compreender as situações do mundo que nos cerca. E ler, como uma troca simbólica, é uma aprendizagem que pode ser realizada, desde que se compreenda, como nos alerta Carlos Nejar (2000), que “o obscuro ou difícil é o que se demora um pouco mais para ser entendido, na proporção em que os olhos se vão acostumando (NEJAR, 2000, p. 105).

METODOLOGIA DE TRABALHO

Em termos metodológicos adotamos um caminho em que a horizontalidade dialógica foi o princípio geral de todo o percurso. Realizamos encontros semanais do Grupo Teia por dez meses seguidos, todas as terças-feiras, por via remota, das 17h às 19h, para leituras conjuntas de referenciais teóricos do projeto e debates sobre obras lidas. Além disso, realizamos 134 leituras de contos, trechos de romances e poesias, diariamente, enquanto uma forma de realizar trocas simbólicas com a comunidade de pessoas que nos acompanharam.

Como fica claro com o aporte teórico que apresentamos acima, a adoção da construção dialógica das atividades do projeto foi amparada por autores que, em sua maioria, partem do pressuposto de que as aprendizagens do mundo – e, no nosso caso, a aprendizagem da prática

da leitura – se fazem por meio do intercâmbio de saberes.

Nesse sentido, dois autores orientaram de forma precisa a adoção de procedimentos metodológicos que buscaram no dialogismo o seu território basilar. O primeiro deles, Mikhail Bakhtin (2004), nos orientou sobre a forma mesma de compreensão. Nas palavras de Bakhtin,

A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*. Só na compreensão de uma língua estrangeira é que se procura encontrar para cada palavra uma palavra *equivalente* na própria língua. É por isso que não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado contexto sonoro. É como uma faísca elétrica que só produz quando há contato dos dois polos opostos (BAKHTIN, 2004, p. 132).

A partir dessa premissa de que o significado de uma leitura é resultado do efeito da interação da pessoa que pratica a leitura com a obra, compreendemos que não havia um significado específico a ser encontrado em uma obra. O que se fazia importante era atentarmos para a qualidade da interação que realizávamos. Assim, a leitura em voz alta – realizada nos encontros semanais entre os participantes do Teia e, também, no *instagram* do projeto para espectadores virtuais – passou a ser um lugar em que cada um de nós portava a palavra sabendo que o sentido seria completado na interação. Com isso, abrimos diálogos que produziram efeitos de sentido com tamanho dinamismo que, em alguns casos, foi até possível mudar de assunto (de leitura) sem interromper o diálogo que estava instalado.

Um bom exemplo de um debate interrompido como atividade, mas que continuou de outra forma foi a leitura de “Como e por que ler”, de Harold Bloom (2001). Iniciamos a leitura em voz alta desse texto às terças-feiras. No entanto, como o autor nos remetia a obras literárias que nem todos haviam lido, passamos a ler as obras para discutir o texto de Bloom. A força das obras foi tamanha que o debate introduzido por Bloom seguiu mesmo com o abandono da leitura da obra em grupo. Passamos a discutir os textos com os elementos que Bloom utiliza, mas sem a necessidade de tê-lo como guia.

O segundo autor que orientou de forma importante as nossas escolhas metodológicas foi Paulo Freire (1989) que com a forma certa de quem tem conhecimento profundo dos processos de formação humana, não nos deixou esquecer que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 13). De uma simplicidade impressionante, essa argumentação de Paulo Freire nos manteve abertos a aprendizagens em que a liberdade de ação se tornou lugar comum. Desenvolver qualquer atividade no Teia foi precedido da ideia de que fazíamos isso como o compartilhamento de formas de ver e ler o mundo. Os compartilhamentos foram feitos de forma muito tranquila, pois sabíamos que do outro lado havia alguém com possibilidades de dialogar, ou não, mas sempre de seu lugar específico no mundo, com as nossas propostas.

Então, assumindo o dialogismo como princípio metodológico, cada uma das ações do Teia foi realizada com a certeza de que as contribuições individuais ao grupo (leituras em voz alta, réplica em um debate etc.) serviam como material para a constituição da própria ação de extensão.

RESULTADOS DO PROJETO

Conforme já mencionado no início desse relato, o primeiro ano de atividades do projeto foi recheado de estudos, exercícios práticos de leitura e muitas tentativas de atingir o objetivo do projeto: estimular a prática de leitura em estudantes da Licenciatura em Teatro da UFRN, escolas e comunidades envolvidas. Em função da pandemia de coronavírus, a necessidade de distanciamento social e a profusão de oferta de ações *online*, os resultados do primeiro ano foram todos em formato digital e não é possível, nesse momento, avaliar o impacto que o projeto teve nas mais de 700 pessoas que seguem o nosso perfil no *Instagram*, espaço virtual em que mais estivemos presentes.

Em função de diversas dificuldades por conta do distanciamento social, mas também pelo curto tempo de atividades, não é possível mensurar o quanto e se as nossas ações contribuíram nas práticas de leitura de quem nos acompanhou virtualmente. Por isso, no presente relato, apresentamos a seguir algumas reflexões de como o projeto nos atingiu como pessoas que praticam ou estão iniciando o exercício infindo da prática da leitura.

Em tempo: é importante reforçar que partimos da consideração que todos e todas que estamos vinculados ao sistema educacional somos leitores e leitoras. No entanto, nem todos praticamos a leitura cotidianamente. Há uma diferença importante aqui e o objetivo do projeto não é o de formar leitores, mas de estimular a prática de leitura como um hábito do dia a dia. Ler como alimento diário para a alma.

REFLEXÃO 01: TRANSFORMAÇÕES DE LEITURA A PARTIR DAS LEITURAS DA EXTENSÃO

Foi escolhida como uma das metodologias de trabalho as leituras de textos em *lives* no *Instagram*. Esse tipo de trabalho cria um problema que é o da exposição de imagem. Não eram ensaiadas à exaustão, no máximo lia-se o texto antes, sozinho, para depois ler-se em voz alta de frente para a câmera. Isso trazia, inicialmente, para mim, uma imensa sensação de despreparo.

Alguns debates foram abertos no grupo em decorrência desse desconforto. Especialmente sobre a ansiedade referente a intimação de performar nas redes sociais. Alusivos às leituras de “A sociedade do Espetáculo”, de Guy Debord (2007) e “A estetização do mundo – Viver na época do capitalismo artista” de Lipovetsky e Serroy (2015), refletimos sobre as exigências de fazer leituras dentro de um rol de expectativas estéticas, quase as mesmas que nos exigem em outros ramos da vida, mas no caso do projeto, mais especificamente, no que se espera das artes da cena.

Como colocam Lipovetsky e Serroy (2015), vivemos na era *transestética*, “um universo de superabundância ou de inflação estética que se molda diante dos nossos olhos” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 27). Nessa era de superabundância e de “hiperarte”, a linguagem e a estética servem como estratégias de valorizações e aproximações da realidade de uma classe, como “jogos de sedução sempre renovados para captar os desejos do neoconsumidor hedonista e aumentar o faturamento das marcas” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 28). Somos intimados a performar dentro desses estilos nas redes sociais, mas a partir das leituras o grupo tentou escapar essa lógica.

Para mim a grande dificuldade foi conseguir ler o texto sem me preocupar com a câmera. Cada leitura me deixava mais apreensivo que a outra e eu detestava aquela experiência de me ver e não saber exatamente o que fazer além de ler o texto. Meu desejo era fazer algo espetacular, alguma cena. Algo que se encaixasse dentro da noção estética de um artista lendo um texto artístico. Mas não havia nada. Essa sensação piorou até o ponto em que eu não quis mais aparecer nas *lives*, e acredito que passei direto mesmo por alguns textos do meio do livro. Até que em uma de nossas reuniões fui orientado a não olhar mais para a câmera e não dar tanta

atenção a quem estava do outro lado, assistindo. Que se possível eu colocasse o celular em qualquer canto e usasse qualquer ângulo. Lesse em qualquer lugar, mas me preocupasse apenas com o ritmo do texto.

Parar de pensar em como a câmera me via mudou completamente minha visão sobre essa ação do projeto. Acredito que saí um pouco dessa pressão estética, de estar bonito e sabendo o que faço enquanto leio o texto, e passei a me ocupar somente do ritmo do texto, independente do lugar que a câmera estivesse. Penso que houve uma mudança de chave na minha compreensão sobre como me colocar em relação ao texto e pude me colocar em uma posição de profundidade ao me dirigir à obra. Essa posição de profundidade está diametralmente oposta ao que Guy Debord, na tese 60 de “A sociedade do espetáculo” (2007) fala, ao descrever a sociedade do espetáculo, a posição da vedete.

Ao concentrar na vedeta, a imagem de um possível papel a desempenhar, a representação espetacular do homem vivo, concentra, pois, esta banalidade. A condição de vedeta é a especialização do *viver aparente*, o objeto da identificação com a vida aparente sem profundidade, que deve compensar as infinitas subdivisões das especializações produtivas efetivamente vividas (DEBORD, 2007, p. 43).

Essa posição superficial foi o primeiro lugar que eu tentei chegar. E me frustrei nele pois a natureza da atividade a impedia. No entanto, o processo de tentar chegar nesse lugar, me frustrar, debater em grupo e procurar novas posições, foi o que me permitiu refletir sobre minha prática de leitura e principalmente a leitura em voz alta. Talvez de outra forma, apenas nas leituras dos textos, eu não tivesse compreendido em minha prática, como funcionavam essas ações internamente.

REFLEXÃO 02: A PRÁTICA DA LEITURA COMO EMANCIPAÇÃO

Desde o seu nascimento, o Grupo Teia vem proporcionando leituras de romances, poesias, contos e livros na área de humanidades. Passeamos, por exemplo, por obras como a “A ordem do discurso”, de Foucault (1996); “Sociedade do Espetáculo”, de Guy Debord (2003); “O beijo”, de Antony Tchekhov (1887); “A gaiivota”, de Millôr Fernandes (1959); “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam”, de Paulo Freire (1989); “O prazer do texto”, de Barthes (1987); “Análise de discurso”, de Orlandi (2005); “O livro de todas as coisas”, de Guus Kuijer (2011), e “Os cem melhores contos brasileiros do século”, uma organização, introdução e referências bibliográficas de Italo Moriconi (2001). Os dois últimos foram lidos ao vivo através de *lives* no *Instagram* do grupo. Com o intuito de melhor abordar a experiência de participar desse grupo de leitura, foram apresentados alguns aprendizados adquiridos no decorrer da execução deste projeto.

As leituras realizadas variavam em níveis de maior ou menor facilidade para compreensão das ideias propostas pelos/as autores/as. Algumas obras necessitavam do/a leitor/a um maior nível de abstração para entender o conteúdo. Dentro dessa perspectiva, pode-se lembrar de Paulo Freire (1989), em seu livro “O ato de ler”, que trata sobre a instrumentalização necessária para se realizar algumas leituras e que é de extrema importância essa compreensão da relação entre o nível do/a leitor/a e o nível do material utilizado.

Ademais, foi discutido nos encontros, a partir de leituras dos textos “A ordem do discurso”, de Foucault (1996), e “Análise do discurso”, de Orlandi (2005), a importância de buscar a compreensão do registro sócio-histórico em que o sujeito do discurso construiu a sua obra, tendo em vista que a obra registra a cultura de um tempo. Historicizar um discurso abre margens para o pensamento crítico, posto que não somente as ideias escritas serão analisadas, como também o

período histórico em que aquele pensamento foi construído e propagado ou não pela sociedade. Proporciona o diálogo entre leitor/a – escritor/a, já que aquele/a não tomará como verdade absoluta as ideias concebidas para uma sociedade específica em um determinado período e lugar. Pensar na posição da alteridade é também pensar na posição de si próprio/a.

Além do incentivo à prática de ler, que é um discurso basal constitutivo do próprio material que compõe o Teia, existe um outro fator que acalorou as discussões nas reuniões: continuar a desbravar a ignorância mesmo quando se sente o desconforto advindo do não saber. Reflexões como o conteúdo, o ritmo, o silêncio, afetados pelas questões socioeconômicas arbitram na posição do sujeito na história. Compreender a ignorância como uma construção social pode ser um primeiro passo para quebrar essa imposição e, posteriormente, sair do que se chama zona de conforto. E é esse movimento de sair dos limites do confortável, que está dentro de tudo que se é conhecido, que permite a possibilidade de conhecer algo novo e de abrir a mente para novas ideias, novas reflexões e leituras sociais sobre o que existe. É descobrir que tudo que existe culturalmente foi construído e por isso pode ser questionado. O novo sempre existirá e para ser conhecido paga-se o preço do desconforto.

Em adição, todo o grupo foi incentivado a realizar leituras diárias de obras não lidas nas reuniões. Foram debatidos planos de leituras para organizar a trajetória de aprendizado. Tudo pode ser lido como também pode ser abandonado ou relido. Cada participante adotou o seu próprio ritual e metodologia de leitura. O que foi percebido com o passar do tempo e das leituras foi um maior entendimento crítico do mundo, ampliação das conexões interdisciplinares, melhora do poder de oratória visto que a prática da fala implica em seu melhor desenvolvimento, entre outros.

Outra reflexão amplamente debatida foi a organização do tempo e a importância que os momentos de contemplação proporcionam na vida contemporânea. Alguns dos livros do autor Byung-Chul Han foram utilizados para melhor ilustrar os danos causados pelo pensamento neoliberal de autoexploração. Segundo Barthes (1987), o prazer da leitura está entre as fissuras e clivagens que mostram o seu conteúdo parcialmente, que abrem margens para variadas possibilidades e interpretações. Para a sociedade neoliberal, de acordo com Han, no livro “Sociedade da Transparência” (2017), o tempo é muito curto para se perder com possibilidades, a meta é produção e, para isso, é importante otimizar o tempo e expor, mesmo que pornograficamente, o que precisa ser mostrado.

Dentro desse debate, ainda se pode perceber a dominação masculina, de acordo com Bourdieu (2012) e Beauvoir (2019), já que o sistema foi construído de maneira a explorar o tempo das mulheres através da dupla (às vezes, tripla) jornada de trabalho. As mulheres ainda passam mais tempo trabalhando fora e dentro de casa, recebendo salários inferiores e não recebendo nada pelos trabalhos domésticos.

Fica quase que perceptível o comprometimento de emancipação que o projeto de extensão proporciona aos seus participantes através da leitura. Foram citados apenas alguns dos aprendizados, nesse curto período de existência, dessa ação cujo plano não foi completamente realizado devido à pandemia que inviabilizou reuniões presenciais e abertas ao público, ocorrendo de maneira apenas remota.

REFLEXÃO 03: LER E NÃO VER OU LER E VER DEPOIS, EXERCITANDO A LEITURA

Nunca fui um leitor voraz. Na verdade, nunca fui de me apaixonar por livros e tecer por eles grandes comentários que fizessem outras pessoas se interessarem por esse *hobby*. Não por falta de estímulo, mas talvez por falta de interesse, exceto pela adolescência que veio junto

à vontade de marcar o mundo com alguma coisa e, para isso, lia e fazia infimos poemas que acreditava serem revolucionários. Também tinha algum apreço pelas dramaturgias clássicas e modernas. Nunca me interessei muito em me aprofundar sobre um assunto específico que me rodeasse de alguma forma.

Eu lia e leio sobre esses assuntos por pura necessidade ou para ter o que conversar numa roda de amigos. Também para atender alguma demanda pessoal ou da universidade ou simplesmente para ter algo para fazer no tempo livre. No entanto, ao me vincular ao grupo Teia me vi num impasse: como um não leitor vai fazer parte de um grupo de leitores e leitoras que diferente de mim olham para o texto com a reverência necessária e leem quase que diariamente e falam de muitos livros?

A minha entrada no Teia ocorreu, primeiramente, pela boa relação com o professor coordenador e pela curiosidade. Sem saber direito do que o projeto tratava, me insiro nele num período em que somos obrigados a nos mantermos reclusos devido à pandemia causada pelo novo coronavírus. Além da pandemia, entrei no projeto com certo cansaço de estudante no final do curso. Cansaço que estava aumentando em função do tempo de exposição nas telas, sem contar a aflição diária em acompanhar o aumento do número de pessoas mortas sem um fim previsto para o problema.

Então, chego eu, um não-leitor, aluno de fim de curso e no meio de uma pandemia para compor um projeto de extensão voltado à prática de leitura. E foi nesse contexto que me vi experimentando os ditos prazeres da leitura.

Passei a entender do que se tratam os “ditos prazeres” e, diferentemente do que acreditava, não eram prazeres imediatos. Como percebi em uma das leituras realizadas no grupo, “O prazer do texto”, de Roland Barthes (1987), comecei a entender onde está o deleite de uma leitura

O lugar mais erótico de um corpo não é lá onde o vestuário se entreabre? Na perversão (que é o regime do prazer textual) não há “zonas erógenas” (expressão aliás bastante importuna); é a intermitência, como o disse muito bem a psicanálise, que é erótica: a da pele que cintila entre duas peças (as calças e a malha), entre duas bordas (a camisa entreaberta, a luva e a manga); é essa cintilação mesma que seduz, ou ainda: a encenação de um aparecimento-desaparecimento (BARTHES, 1987, p. 15).

Compreendi, aos poucos, que não cabe no livro um prazer momentâneo e passageiro de forma que o sofrimento e a dificuldade da leitura também são partes do processo prazeroso. No texto “há uma revelação progressiva: toda a excitação se refugia na esperança de ver o sexo (sonho de colegial) ou de conhecer o fim da história (satisfação romanesca)” (BARTHES, 1987, p. 16).

Importante dizer que não se deve pensar que depois de conhecer o escritor francês virei um leitor nato, que não se contenta em apenas ler e divulgar aquela leitura aos quatro cantos. No início do projeto nos foram apresentados os direitos do leitor estipulados por Daniel Pennac, citados acima. Passei a exercer os três primeiros com afinco e rigorosidade: como conhecedor dos meus direitos enquanto legente, trato a leitura de forma muito mais cotidiana e não me obrigo a terminar bons relacionamentos com os livros por puro consumismo ou necessidade, deixo as relações em suspenso, estabeleço novas e às vezes simplesmente não as começo.

Para além de um péssimo leitor, sou também péssimo em estabelecer agendas, me perco nos mais diversos compromissos que assumo e fico desestimulado à medida que estes se tornam rotina e isso refletiu diretamente nas minhas participações nas lives promovidas pelo projeto com o objetivo de ler o livro “Os cem melhores contos brasileiros do século”, organizado por Ítalo Moriconi.

Mesmo quando assumia o compromisso de realizar a leitura algo acabava me fazendo

esquecer da ação e findava fazendo-a ou no dia seguinte, ou tarde da noite, ou simplesmente não fazendo a leitura.

No entanto, às vezes que consegui fazer a leitura foram muito significativas. Visto que decidi por ler os textos em voz alta, ao vivo pelo *Instagram* do grupo, sem preparações prévias. Queria que as pessoas me vissem encontrando com o texto pela primeira vez. Por conta desse contato ao vivo, cometi alguns deslizos como o de dar um sentido cômico para um texto trágico, a exemplo de “Baleia”, de Graciliano Ramos e “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”, de Bernardo Élis. Até mesmo como a leitura do conto “O vampiro de Curitiba”, de Dalton Trevisan, que de todos os autores que li era o único que eu de fato conhecia o trabalho antes da leitura, me senti como se nunca tivesse lido antes um conto desse autor.

E mesmo sabendo da baixa audiência *online*, o que mais prejudicava a experiência certamente era estar em frente à câmera para uma experiência com preparo prévio curto. Não conhecer o texto era interessante e amedrontador e isso me fazia gaguejar, voltar algumas vezes, reler algumas palavras, errar algumas entonações, que no fim das contas era a mesma coisa de ler um livro pela primeira vez, mas o fato de estar exposto ao erro de frente a diferentes olhares foi certamente um desafio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS COMO PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

O projeto de extensão Grupo Teia: Leituras e Contação de Histórias, em seu primeiro ano de atividades, nos fez perceber a necessidade de se incentivar a prática de leitura em um mundo apressado e no qual as pessoas têm cada vez menos tempo para digerir as informações que recebem no dia a dia. Embora desenvolvido de forma totalmente remota, foi possível abrir algum diálogo com escolas e artistas de teatro e da literatura do RN. Conseguimos, inclusive por conta da pandemia, gastar bastante tempo com a nossa própria capacitação com práticas de leitura. Ler por meses seguidos, mesmo que com baixa audiência em função da alta oferta de ações *online* (inclusive atividades de ensino), ampliou o conhecimento dos integrantes do grupo no que se refere à literatura e foi possível refletir com alguma profundidade sobre importância da prática de leitura.

Compreender que a formação de leitores passa por estimular a prática de leitura, embora pareça óbvio, é algo mais complexo. Ler é antes de qualquer coisa se abrir para o mundo. Ler livros diariamente, por sua vez, passa por compreender com quem se estabelece o diálogo e, fundamentalmente, quem chamamos para as nossas vidas. Os livros, assim como diversos outros meios, são janelas para o mundo. Assim como em qualquer viagem, é fundamental buscarmos conhecer algumas das características do território geográfico e cultural que nos dispomos a visitar.

E esse é nosso desafio para os próximos anos: conhecer territórios com pessoas que queiram praticar leituras com a gente. Sabemos de antemão que para a prática da leitura não bastam técnicas, mas o estabelecimento de um rio-discurso que tem no tempo da troca de experiências o seu chão. Assim como nos lembra João Cabral de Melo Neto,

Para não matar seu tempo, imaginou:
 vive-lo enquanto ocorre, ao vivo;
 no instante finíssimo em que ocorre,
 em ponta de agulha e, porém, acessível;
 viver seu tempo: para o que ir viver
 num deserto literal ou de alpendres;
 em ermos, que não distraiam de viver
 a agulha de um só instante, plenamente.
 Plenamente: vivendo-o de dentro dele;
 habitá-lo, na agulha de cada instante,
 em cada agulha instante: e habitar nele
 tudo o que habitar cede ao habitante.
 (MELO NETO, 1996, p. 87).

É esse tempo presente – o da leitura, mas também o do teatro e da vida – que por sua efemeridade nos leva a abrir livros e viver um tempo presente simbólico que nos afeta no aqui-agora que carrega toda a magia do ato de ler. Ato de ler que é pessoal, intransferível, bem adquirido pela própria pessoa e que serve para que os horizontes sejam percebidos como aquilo que são, caminhos a percorrer.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- DEBORD, Guy; SERROY, Jean. **A sociedade do espetáculo: viver na era do capitalismo artista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- KUIJER, Guss. **O livro de todas as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MORICONI, Ítalo (org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- NEJAR, Carlos. **Cadernos de fogo: ensaios sobre poesia e ficção**. São Paulo: Escrituras, 2000.
- ORLANDI, Eni, P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

Data de recebimento: 29/01/22

Data de aceite para publicação: 24/03/22